

A Dimensão Coletiva Negra como Resistência: aquilombamento e cosmovisão afro¹

Renata Nascimento²

José Messias³

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Universidade Federal Fluminense – UFF

1. Saberes que emanam do corpo negro

O racismo estrutural, herança direta do colonialismo e da modernidade eurocêntrica, moldou historicamente as condições de existência da população negra, impondo barreiras ao acesso à educação, ao trabalho e à participação política plena. Diante disso, a participação coletiva emergiu não apenas como estratégia de sobrevivência, mas como potente instrumento de resistência e ressignificação identitária. Este trabalho, então, se propõe a discutir como a dimensão coletiva negra - expressa em conceitos como negritude, sororidade e cosmovisão afro - tem sido fundamental na construção de estratégias de enfrentamento ao racismo e na promoção de políticas de acesso.

A recriação de outro corpo negro, livre das definições determinadas pela política colonialista, também se apresenta como elemento formador do espírito da comunidade. Assim acontece porque as “imagens de controle” (COLLINS, 2016) dialogam com a capacidade do poder de definir e avaliar os corpos racializados. Essas questões se fazem presentes em outros conceitos elaborados por diferentes autores, como “pedagogia das encruzilhadas” (RUFINO, 2019), “filosofia da ancestralidade” (SANTOS e OLIVEIRA, 2017), “pensar nagô” (SODRÉ, 2017), dentre outros. Eles apontam que a cosmovisão afro se assenta nas experiências diaspóricas dos negros rumo às Américas e no desenvolvimento dos projetos de sobrevivência, os quais englobam e em parte visam resgatar as vivências de outrora.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista de pós-doutorado FAPERJ Nota 10. E-mail: renascsilval@gmail.com

³ Professor do PPGCOM e do curso de Estudos de Mídia da UFF, e do PPGCOM/UFMA. Coordenador do Laboratório de Pesquisa em Games, Gambiarras e Mediações em Rede (GamerLab/UFMA). e-mail: josemessias@id.uff.br

Para que este conjunto de saberes fosse construído, percorreu-se um longo caminho em que o corpo e a cultura negra precisaram ser ressignificados no intuito de criar uma rede de contestação à estrutura racial. Projetos políticos como o Pan-Africanismo, Harlem Renaissance, Black Power, Panteras Negras e o atual Black Lives Matter mobilizam a negritude e a africanidade em direção ao reconhecimento do racismo, nos EUA, no Brasil, e no mundo, como um aspecto estruturante que vai da educação à saúde pública.

A formulação da cosmovisão afro não busca cair num essencialismo; ao contrário, ela envolve o reconhecimento de diferentes perspectivas que relatam as histórias dos negros mundo afora. Assim, o termo “afro” conjuga as experiências que se tornam potências para um agir coletivo de criação de estratégias, de políticas cooperativas e de reflexão da racialidade.

Partindo do pensamento de Aimé Césaire (2010) sobre a negritude como "forma de consciência oposta ao racismo", e das contribuições de Mbembe (2018) acerca do "devir-negro do mundo", buscamos compreender como a racialização, inicialmente instrumento de opressão, foi ressignificada como elemento aglutinador de lutas políticas. A análise se estende aos espaços comunitários - desde os quilombos históricos até os terreiros de candomblé e as periferias urbanas contemporâneas - onde se desenvolvem práticas de solidariedade e cuidado mútuo que desafiam a lógica individualista dominante.

A reflexão desenvolvida ao longo deste trabalho demonstra que a luta antirracista se constitui como um movimento dialético: avança na construção de alternativas pedagógicas comunitárias, inspiradas nos princípios do quilombamento e da cosmovisão afro, ao mesmo tempo em que enfrenta estruturas excludentes profundamente enraizadas.

A potência do quilombamento intelectual e das epistemologias da diáspora africana reside precisamente em sua capacidade de, ao resgatar saberes ancestrais e formas comunitárias de produção de conhecimento, oferecer alternativas ao modelo colonial/moderno. Para isso, uma transformação radical passa necessariamente pelo reconhecimento da educação como prática política coletiva, espaço de reparação histórica e construção de futuros possíveis.

Referências

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Trad. Noémia de Sousa. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 2010.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Trad. Jamille Pinheiro. São Paulo: Boitempo, 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. 2. ed. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 1980.

NASCIMENTO, Beatriz. **O conceito de quilombo e a resistência cultural negra**. Rio de Janeiro: IPEAFRO, 2006.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô: para uma filosofia da diáspora africana**. Petrópolis: Vozes, 2017.

WERNECK, Jurema. **Orixás e feminilidades negras: corpo, saúde e ancestralidade**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

Palavras-chave: Coletividade negra; resistência; negritude; cosmovisão afro; quilombo